

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EJA: UMA REFLEXÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Suely Marilene da Silva

(Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), E-mail: suely.marilene@gmail.com)

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo buscar descrever e analisar alguns procedimentos pedagógicos que levam as atitudes discriminatórias em relação aos alunos negros em sala de aula e na família. Sustento o conteúdo com uma pesquisa cujos fundamentos foram extraídos de grandes autores em suas referências, a partir das considerações destes autores analisei seus procedimentos históricos veiculados em livros investigativos e paradidáticos. Da mesma forma, um grande contingente de jovens e adultos, no mais das vezes oriundos de setores mais carentes da população, viu-se excluídos ou afastados do ambiente escolar, porém, as políticas voltadas para a Educação elaboraram nas últimas décadas um programa que têm por objetivo estender a educação até esse público, qual seja a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A pesquisa foi realizada em uma escolas do Ensino publico da região Metropolitana do Recife no total de 51 alunos, 4 professores e coordenadores, comunidade escolar .Observa-se que a pesquisa demonstrou a valorização do negro e sua origem, fazendo com isso uma ligação entre o trabalho do professor em sala de aula e os métodos pedagógicos para uma socialização entre o branco e o negro, ensinando-os respeito em convivência na escola, família e sociedade.

Palavra-chave: EJA, racismo, relações raciais.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como princípios pesquisar as questões étnico-raciais na escola e teve como objetivo buscar descrever e analisar alguns procedimentos pedagógicos que levam as atitudes discriminatórias em relação com os alunos negros em sala de aula, ou seja, na comunidade escolar. Espera-se que os procedimentos possam fazer parte do uso em cotidiano de uma transmissão de conscientização do valor do ser humano, enquanto gente, e não por sua cor/raça. Um grande contingente de jovens e adultos, no mais das vezes oriundos de setores mais carentes da população, viu-se excluídos ou afastados do ambiente escolar, porém, as políticas voltadas para a Educação elaboraram nas

últimas décadas um programa que têm por objetivo estender a educação até esse público, qual seja a Educação de Jovens e Adultos (EJA). É partindo dessas informações que propomos, nessa pesquisa, refletir sobre um tipo particular de relação: a que envolve os negros e a escola no contexto da educação de jovens e adultos. Observa-se que a pesquisa abordou questões relacionadas a discriminação racial em sala de aula, o presente trabalho traz reflexões, em diálogo com alguns autores, sobre o tema e conversa com a instituição escolar, buscando fundamentar, com a prática docente, as questões emergentes da temática com toda a sociedade escolar. Trazendo para a sala de aula a História da África, a criação da Lei 10.639/03 também pode ser um caminho para quebras de barreiras da desigualdade, mostrando que não foi criada somente para o educador negro ou para o educando negro.

METODOLOGIA

Nesse estudo opto por uma postura de análise qualitativa e quantitativa. Essa opção reflete o meu entendimento de que esse enfoque é o mais adequado para interpretar os dados coletados. Foi enfocada uma turma do Ensino Médio de Jovens e Adultos (EMEJA) de uma escola da rede Pública Estadual que está localizada no bairro do Ibura-COHAB, Recife/PE. Portanto é de fundamental importância a aplicação da entrevista e questionário focalizando os grandes temas do meu objeto de estudo: Racismo, escola, sociedade. A análise foi feita pelo acolhimento de respostas ao questionário a qual abrange alguns fatores de grande preocupação pelo tema abordado. Preconceito Racial, na indiferença de cor/raça entre crianças em sala de aula e convivência em sociedade e família, onde observei que o racismo ainda prevalece com muita frequência no meio da sociedade e no convívio escolar e familiar.

DISCUSSÃO

De acordo com os números do censo realizado pelo IBGE em 2010, aproximadamente metade da população brasileira (49,25%) com idade acima de 25 anos não chegou se quer a concluir o ensino fundamental, o que representa 54,5 milhões de brasileiros. A mesma pesquisa revela também que esse número é ainda mais alto em áreas rurais, subindo para 79,6%. Entre a população urbana, a taxa é de 44,2%. Pode-se verificar também que 16 milhões (14,65%) de pessoas com 25 anos ou mais concluíram o fundamental, mas não chegaram ao fim do ensino médio, 35,8% concluiu o ensino médio e 11,26% têm

nível superior completo. Diante dessa situação, foi ficando cada vez mais nítida, para os pensadores da educação no Brasil (VEIGA, 2008; ROSEMBERG, 1987) a necessidade de incluir no processo educacional esse grande contingente de jovens e adultos que foram excluídos dos bancos escolares. De acordo com os resultados do gráfico 1º, 70% dos alunos matriculados na instituição escolar são de pele branca, e os de pele negra são apenas de 10%, os alunos que se declararam pardos somaram 50%, isso reflete que diante da complexidade da realidade brasileira e da forma pela qual o racismo se expressa na escola, à inclusão clara, transparente e global continua distante da realidade. Sendo assim, fica claro que todos os esforços devem ser feitos para viabilizar uma educação que de fato seja um marco no tratamento das questões da infância e da adolescência e das diversas variáveis étnico-raciais. O gráfico 2º apresentado traz as seguintes informações acerca da comunidade escolar onde foi realizada a pesquisa com os pais, alunos, funcionários e professores disseram que a instituição escolar, 50% dos seus alunos são brancos, 40% são pardos e apenas 10% são negros. Entretanto, quando realizamos a pesquisa no espaço escola era notório a existência e conflito em sala de aula com alunos negros e pardos diariamente, e o professor em algumas situações não sabia lidar com os conflitos dentro de sala de aula. Os resultados demonstrados no gráfico 3º reforçam de fato a existência do preconceito na sociedade, ou seja, 80% dos entrevistados acreditam no preconceito com relação ao negro, 15% disseram que não a preconceito na sociedade, e apenas 5% dos entrevistados se colocaram como indeciso.

CONCLUSÃO

O presente estudo buscou trazer para a reflexão subsídios teóricos e práticos para repensarmos a formação de alunos, professores e funcionários que atuam na escola, considerada uma organização multicultural. Se, por um lado, é lamentável que, em país com tamanha diversidade étnica e cultural, como é o Brasil, tenha que se criar uma lei que combata o racismo, preconceito a discriminação e obrigue as escolas a ensinarem a história e a cultura de um povo que constitui a nação, em sua maioria étnica, por outro lado, entende-se que, como um dispositivo provisório, a lei não vai contribuir para romper barreiras que historicamente foram impostas, erguidas sob a égide da dominação eurocêntrica que permeia a ideologia deste país. O aumento da presença de negros e negras nos bancos escolares representa definitivamente um avanço social significativo que só futuramente demonstrará seus ganhos. Mas não se deve nunca esquecer que

esse é apenas o início de um processo ainda bastante longo a ser percorrido que se encerraria numa real igualdade racial. Fala-se atualmente também do avanço do racismo, da dizimação da juventude negra, de sua muito modesta presença nas universidades públicas e de formas de discriminação racial que atingem inclusive negros que chegaram às classes médias e altas. (FRY, 1995/1996) Por isso, as questões envolvendo as diferenças étnico-raciais devem ser consideradas na elaboração das aulas e das atividades dos professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Julio (org.). Diferenças e preconceitos na escola. São Paulo: Summus, 1998.
- ASSIS, M. D. P.; CANEN, A. Identidade negra e espaço educacional: vozes, histórias e contribuição do multiculturalismo. Cadernos de Pesquisas, n. 34, p. 709-724, set. /dez. 2004.
- ARANHA, M. M. L. de A. Filosofia da educação. São Paulo: Moderna, 1989.
- CANDAU, Vera Maria (coord.). Somos todos iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro; DP&A, 2003.
- CORONE, f.; BENTO, M. A. S. (Orgs.) (2002) Psicologia Social do Racismo. Petrópolis: Vozes.
- Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (2005) Brasília: Secretaria Especial de Políticas de Igualdade Racial / Sec. de Educação Continuada / Alfabetização e Diversidade.
- FERREIRA, A. C. (2006) A Morada do Educador: Ética e Cidadania. Educação e Revista, nº 43, JUN. p. 57-72. Belo Horizonte.
- FERNANDES, F. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1965.
- FRY, Peter. “O que a Cinderela negra tem a dizer sobre a política racial no Brasil”. Revista da USP, Nº 28. 1995/96.
- FREIRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. 16ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais. Investigações em Psicologia. Petrópolis: Vozes, Ed., 2003.
- MUNANGA, K. Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil. São Paulo: Ed. Vozes, 1999.
- MUNANGA, K.; GOMES, N. L. (2006) O Negro no Brasil de Hoje. São Paulo: Global.
- O Negro no Mundo dos Brancos. São Paulo: Difel, 1972.

- RODRIGUES, R. N, (1933/1945) – Os Africanos no Brasil. São Paulo: Cia Ed. Nacional.
- RODRIGUES, R. N, (1933/1945) – Os Africanos no Brasil. São Paulo: Cia Ed. Nacional.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Relações Raciais e rendimento escolar no Estado de São Paulo. In: Cadernos de pesquisa, nº 63. Fundação Carlos Chagas. São Paulo, 1987
- SANTOS, B. S. (2006) A Gramática do Tempo: Para uma nova cultura política. São Paulo. Cortez.
- SEYFEKTH, Giralda. 2002. O Beneplácito da desigualdade: Breve digressão sobre racismo no Brasil. São Paulo: Petrópolis.
- SHWARCZ, L. M. O Espetáculo das Raças. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- VEIGA, Cynthia Greive. Crianças negras e mestiças no processo de institucionalização da instrução elementar, Minas Gerais, século XIX. 2008. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo6/472.pdf>
- VIANA, J. O. (1932/1959) – Raça e Assimilação. Rio de Janeiro, José Olympio.
- WIEVIORKA, M. (2007) O Racismo, uma introdução. Lisboa: Fenda Social.